

Hamburger's Festival

É uma pena ter-se perdido, na desordem institucional, na crise de lucidez e na desesperança geral que inibe praticamente tudo no País, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, evento que já se tornara tradicional e dava sinais de consolidar-se como o mais importante foro de debate da problemática brasileira da indústria cinematográfica. O Festival deste ano, desorganizado e perplexo, reflete a própria crise de identidade por que passa o cinema no Brasil.

O Festival, deste ano, não está podendo cumprir sua função básica, a de reunir a inteligência concernente ao setor para o debate e o equacionamento dos problemas que lhe dizem respeito. E são muitos os problemas. Há os que decorrem da insuficiência de recursos provocada pela cultura perdulária do aparato institucional, que se compraz nos meios e negligencia os fins, e há a questão ideológica, que está na base da crise de identidade do nosso cinema.

Qual o espaço no qual deve trabalhar o cinema brasileiro? Esta resposta, que envolve questão básica e preliminar à definição de uma política para o setor, o Festival de Brasília poderia começar a oferecer, se houvesse sido organizado com competência específica para fazê-lo. Mas não o foi. O cinema no Brasil continuará perdido entre as veleidades hollywoodianas dos que têm os olhos grandes, mas os braços curtos e a dispersão e a castração política dos que fazem o cinema-arte, o cinema-político, o cinema alternativo que nos impõe a nossa realidade econômica. Perdido entre aspirações opostas, o cinema brasileiro não en-

contra sua linguagem, enquanto a televisão avança. As salas estão vazias, os cineastas desolados, os festivais decaídos, mas a burocracia estatal se auto-emula na disputa do poder e dos recursos que a sociedade brasileira aloca ao setor.

A Nova República retirou do cinema a censura, mas nada fez para reparar os danos que a ditadura causou à inteligência criadora do cinema. Nossos melhores cineastas continuam vagando, dispersos, sem recursos, vítimas, muitas vezes, ainda do preconceito e da censura implícita na modorra burocrática. A maioria dos que permanecem ativos insiste na linguagem do cinema massivo, de bilheteria, incapazes de perceber que, neste campo, as novelas de TV vencem por no-caute. Se eles não conseguiram ainda dominar a técnica elementar do áudio, que continua péssimo nos filmes nacionais, como dominarão os processos complexos da investigação e da expressão sociológica dos quais o cinema de massa não pode estar divorciado?

O cinema brasileiro tem muito o que aprender e a fazer, mas não o fará antes que seja capaz de, pelo menos, realizar um Festival minimamente capaz de debater sua própria crise. Brasília é, potencialmente, o cenário perfeito para este fim, para o fim de realizar um festival consistentemente autocrítico, em torno do qual se reúnam todas as expressões da arte e da indústria do cinema. Esteve próximo de fazê-lo no passado, mas se contentou, este ano, em promover um festival para consumidores de hambúrgueres.